

NARRATIVAS DE EXPERIÊNCIAS NA INICIAÇÃO À DOCÊNCIA: SENTIDOS DO PROCESSO FORMATIVO

GABRIELA FERREIRA LUCIO
LETÍCIA SILVA BARROSO*

REFLETINDO SOBRE EXPERIÊNCIA E MEMÓRIA

A produção desse artigo se fez a partir das nossas experiências vivenciadas na Escola Estadual de Ensino Médio “Irmã Maria Horta”, proporcionadas pelo Programa Institucional de Bolsa à Iniciação à Docência (PIBID), desenvolvido junto ao curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), com orientação do Prof. Dr. Arnaldo Pinto Júnior e a supervisão da Profa. Kátia Valeska Azevedo. Os alunos¹ participantes desse grupo do PIBID na área de História da UFES que atuam na referida escola compõe um grupo com 8 (oito) integrantes, os quais estão cursando distintos períodos da graduação.

No balanço das atividades realizadas no segundo semestre de 2012, como aspectos positivos do PIBID, entendemos a sua importância na formação da bagagem teórica e prática dos alunos dos cursos de licenciatura, compreendendo que esse programa ajuda ao graduando experimentar muitas situações, algumas boas e outras ruins do ambiente educacional. O programa permite vivenciar a realidade que não se aprende nos livros, com o acompanhamento do cotidiano da instituição e dos grupos que ali se encontram. O PIBID possibilita a integração da prática com a teoria na expectativa de propiciar melhor formação a seus integrantes.

Dialogamos com autores que focalizam o conceito de experiência. Jorge Larrosa Bondía, no texto “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”, faz uma reflexão entre educação como ciência aplicada e educação como práxis política, propondo que se explore a

* Graduandas do curso de Licenciatura em História na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Bolsistas CAPES do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Coordenador de área Licenciatura/História: Prof. Dr. Arnaldo Pinto Júnior (Centro de Educação/UFES).

¹ O grupo de alunos que fazem parte do PIBID será denominado pibidianos ao longo do texto.

educação numa perspectiva de experiência/sentido. Sendo assim, há uma abordagem que cria uma ideia de que pensar não é apenas raciocinar, calcular ou argumentar, entendendo que pensar é dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. Também é trabalhado por Larrosa o conceito de experiência como antônimo ao significado de informação, pois “a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem “pré-ver” nem “pré-dizer” (LARROSA, 2002: 28). Explorando esse princípio, entende-se que essa experiência é o que acontece, não poder ser imposta, o sujeito deve sentir, se deixar ser arrebatado, portanto, é incapaz de experiência aquele que se põe, opõe, impõe, propõe e ex-põe. Essa concepção reflete na diferença entre informação e experiência onde à medida que se aumenta a quantidade de informação diminui-se a experiência. Portanto, “o sujeito de experiência é um sujeito ‘ex-posto’” (LARROSA, 2002: 24). A experiência, conforme foi discutido no sentido da educação, busca identificar como o saber pode chegar ao aluno ou mesmo ser produzido por ele. Isso retoma a discussão acerca da escolha da profissão, o que motivou, cativou, e estimulou essa escolha, esse deve ser o ponto inicial sobre a formação do professor. Na perspectiva do aluno, abre espaço para questionamentos de como atingi-lo, ou seja, qual melhor metodologia para conseguir desenvolver além do ensino técnico as questões que envolvam a formação crítica do indivíduo.

Walter Benjamin, no texto “O narrador”, explicita que a utilidade da narrativa consiste num ensinamento moral e ético. Aquele que narra é capaz de experimentar os fatos dentro do cotidiano. O narrador deve experimentar para narrar. Apenas quem experimenta é capaz de contar o que foi vivenciado. Existe, nas sociedades modernas, uma escassez de experiência que empobrece a humanidade, poucos permanecem com a capacidade de experimentar e de narrar os fatos. O autor identifica que “as ações da experiência estão em baixa, e tudo indica que continuarão caindo até que seu valor desapareça de todo.” (BENJAMIM, 1985: 198). A causa disso é o excesso de informação que permeia as relações sociais. Entende-se que a prática docente deve passar pela via da experimentação e não somente da informação. O

docente deve direcionar a aula no sentido mais de reflexão/debate acerca dos conteúdos históricos e menos de informações que impedem a formação de sujeitos mais críticos.

Aliado às leituras citadas anteriormente, também houve embasamento no artigo de Jorge Luiz da Cunha e Lisliane dos Santos Cardôzo intitulado “Ensino de História e formação de professores: narrativas de educadores”. Este texto nos auxilia na discussão acerca da escolha da profissão, pautando-se justamente na experiência supracitada. Para abranger a discussão, foram realizadas entrevistas com professores de História trabalhando com a memória e comparando questões relacionadas à escolha da profissão, a formação dentro da graduação e as primeiras experiências na atuação docente.

Por fim, utilizamos o artigo “Saberes docentes e práticas do ensino de História na escola fundamental e média”, produzido por Selva Guimarães Fonseca e Marcos Rassi. O artigo parte de um estudo de relatos de professores para discutir acerca da formação docente, bem como sua implicação na prática. O debate dá-se em torno de como as experiências individuais e profissionais interferem na prática do professor. A discussão aborda também a formação permanente do professor quanto à própria reavaliação de sua atuação.

Os períodos de estudos a respeito da educação, relacionando as práticas com as teorias, são fundamentais para a preparação do “ser professor (a)”. Formação e prática devem andar lado a lado, pois uma coexiste dentro da outra. Segundo Fonseca e Rassi, a formação do professor de História deve transpassar por vetores:

[...] constituídos pelos saberes históricos e historiográficos, os saberes curriculares, os saberes didático-pedagógicos advindos das ciências da educação; os saberes sociais, os saberes oriundos das múltiplas linguagens e os saberes experienciais, ou seja, aqueles adquiridos, construídos no cotidiano da sala de aula, da escola, da vida (FONSECA; RASSI, 2006: 109).

A prática docente requer mais que saberes históricos, exige mais que adentrar em sala e ministrar uma aula. Ela requer envolvimento na ação e não apenas transmissão de

conhecimento. É preciso experimentar, tornar-se passível de experimentação para que de fato a prática venha a acontecer.

Adentrar no ambiente escola como um apoio ao professor efetivo contribui para a formação prática dos mesmos, possibilita apreender aquilo que não se encontra nos livros. Os pibidianos, como sujeitos da ação, são também contemplados com a potencialização da formação. O professor vai se construindo muito mais na prática do que na teoria, embora as duas etapas estejam imbricadas inseparavelmente.

A necessidade de prática de docência ao longo de todo o curso é incontestável para formadores e formados. Trata-se de um dilema há muito questionado, interpretado, reinterpretado. Pesquisas têm demonstrado a impossibilidade de o professor sair do curso de Licenciatura e, já no início da carreira, ser considerado “pronto” para o magistério (FONSECA; RASSI, 2006: 119).

Do graduando ao graduado, entende-se que o profissional não pode se pautar pela sua titulação para afirmar que a sua formação esteja completamente finalizada. Pensar dessa forma nos leva ao entendimento de que em um determinado instante a formação do docente se completará e nada mais precisará ser feito, pois já está tudo consumado. O professor como sujeito de experiência estará sempre se modificando e se aprimorando a partir daquilo que vivenciar, seja em sala de aula, seja na vida pessoal. Pensar em chegar à completude limita as potencialidades do docente e o engessa, bem como engessa também a sua prática docente.

Entende-se que aquele que se dispõe a observar a experiência do outro toma para si um pouco dessa experiência. Para Benjamin “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros” (BENJAMIM, 1985: 201). Partindo dessa reflexão, percebe-se a importância, durante o processo de formação docente, de estabelecer contato com aqueles que já exercem a profissão e com o ambiente escolar. As conversas com a professora supervisora do PIBID sempre foram motivadoras, ainda que abordassem os possíveis desafios, o seu foco estava nas cabíveis formas de lidar com diferentes situações. É

claro que há saberes que só serão adquiridos a partir da experiência docente, mas os relatos dela possibilitam certo experimento da circunstância relatada.

Em relação ao método adotado para esta reflexão, utilizou-se a História Oral introduzida no Brasil a partir de 1970. Nota-se que a sua expansão e uso como metodologia e fonte se efetivou no decorrer da década de 1990. Este método nos permite fazer uso da memória, que por sua vez, pode ser entendida e manipulada por diversas perspectivas acerca de seu significado. Em nosso estudo compreende-se que memória e história não são a mesma coisa, uma vez que existe uma diferença entre viver e narrar, entre o passado e a história. Atenta-se que essa história abordada indica uma narrativa consistente no ato de contar uma história sem cunho factual. Sendo assim, a história se configura como uma Voz Narrativa que é o que caracteriza a narrativa fictícia.

A memória embora estabelecida como uma fonte deve ser manipulada com cuidado especial durante sua análise, pois ela pode engrandecer determinados fatos em detrimentos de outros que, por ventura, sejam esquecidos.

Neste trabalho buscamos relatar, através das nossas memórias, informações sobre os motivos que nos fizeram escolher essa profissão e a subjetividade existente nessa escolha. Esses motivos expressam a experiência que tivemos com a disciplina e com os professores que ao longo de nossa vida escolar possibilitaram que houvesse esse contato.

Sobre a experiência de Gabriela Ferreira Lucio, uma das autoras deste artigo, o contato com a disciplina escolar História se fez no ensino fundamental com metodologias diferentes, conforme a mudança dos professores no decorrer dos anos. Todavia, a aproximação mais evidente com a disciplina se deu na sexta série, devido ao método adotado por uma professora que contribuiu para o envolvimento com a profissão docente. A partir dessas aulas, mudou-se a percepção de como a História estava presente em sua vida, demonstrando que a disciplina não estaria presente somente nos livros didáticos, uma vez que a aluna se identificou como parte da construção da História. A aluna se imaginava desde essa série atuando como

professora e tentando desenvolver a prática pela qual foi cativada, sendo sua escolha pela profissão inspirada na troca de experiência com essa professora e a disciplina.

A partir do ensino médio, devido ao bom desempenho da aluna na disciplina, ela desenvolveu trabalho de monitoria em sala de aula em que estudava incentivada pelos professores. Tal prática potencializou a vontade de atuar na sociedade através da docência.

Na perspectiva de Letícia Silva Barroso, outra autora deste artigo, o contato mais intenso com a disciplina deu-se na oitava série do ensino fundamental. Nessa etapa, a metodologia utilizada por uma professora contribuiu para que a aluna se encantasse pela história. Tanto a forma de explicação quanto às atividades realizadas motivaram o aprendizado de história e ampliaram o entendimento não factual dessa disciplina. Essa experiência foi decisiva no momento de escolha do curso para qual prestaria vestibular, além de que essa opção possibilitaria a oportunidade de trabalhar as humanidades, no sentido de contribuir na formação de indivíduos.

Entende-se, a partir dessas memórias, que houve uma experimentação das alunas com a disciplina escolar História, sendo fundamental o papel dos professores com a função de estimular, potencializar e criar possibilidades de arrebatar o aluno pelo próprio aprendizado.

O QUE NOS PASSA QUANDO NOS “EX-POMOS”

Desde a nossa entrada na Escola Estadual de Ensino Médio Irmã Maria Horta, passamos por fases distintas. No primeiro momento, que compreende a segunda metade de agosto e a primeira de setembro, foi identificada uma fase de observação, tanto das aulas da professora Kátia quanto do espaço escolar. Aliado a esse momento tivemos reuniões com o professor Arnaldo para a troca experiências e discussões de textos com temas direcionados a nossa vivência escolar na instituição. Houve também amplas discussões acerca das dificuldades atuais de trabalho do professor e as possíveis soluções. Além disso, ao longo de

nossas atividades participamos de debates e palestras que envolviam temáticas de políticas e práticas educacionais, como também de experiência docente. De modo geral, o momento dos encontros com o professor Arnaldo tinha como um dos objetivos fazer a troca de experiências e percepções entre os “pibidianos”, que devido ao fato de trabalharem em horários e dias diferenciados, se fazia necessário essa interação. Os próprios pibidianos, na tentativa de expandir o contato entre eles, criaram um e-mail e um grupo em uma rede social para estender esse diálogo, além de auxiliar na comunicação do desenvolvimento das atividades desempenhadas na escola. Esse espaço virtual também permitiu que houvesse uma interação entre os alunos de ensino médio vespertino da instituição, com exposições dos trabalhos realizados por eles mesmos, podendo ser utilizados como mais uma ferramenta de estudo para suas atividades regulares.

A professora Kátia, em sua proposta de trabalho, nos deu bastante liberdade para a composição de materiais, organização dos projetos e tudo que fosse relacionado ao aprimoramento das aulas.

Após esse momento de análise desse espaço, até então novo em relação ao nosso papel ocupado nele, nos responsabilizamos pela introdução de dois conteúdos estipulados pelo livro didático. Dentro dessa proposta, procuramos desenvolver uma atividade mais dinâmica, para isso foi utilizado o laboratório de informática e apresentamos um programa desconhecido pelos alunos e professores, o Prezi². Essa atividade contou com muitas imagens e um pequeno vídeo em desenho explicando algumas referências do conteúdo, também foi realizado conexões entre passado e presente. Os alunos, através dos recursos utilizados, demonstraram maior interação com os conteúdos. A postura dos alunos deu-se de maneira diferenciada

² Programa de apresentação que utiliza o zoom como princípio básico. Possui um amplo recurso de efeitos que valorizam as imagens, bem como a apresentação como um todo. Aceita arquivos em formatos diferenciados, como imagens, documentos, áudios e vídeos. Normalmente é utilizado em apresentações de trabalhos acadêmicos, seminários, propaganda etc.

quando foi modificada a dinâmica da aula, ou seja, a quebra da rotina potencializou a aprendizagem.

A preparação da aula foi realizada com o grupo completo dos pibidianos, sendo discutidos os objetivos e propostas de metodologias diferentes para dinamizar a aula. Em diversos momentos o grupo de graduandos discutiu quais métodos utilizar, sendo que várias vezes existiam posicionamentos diferentes. Percebe-se que através desses impasses podemos aprender uns com os outros, pois as argumentações sempre relacionavam a alguma experiência anterior. Essas situações nos remetem a ideia de que “os saberes experienciais adquiridos no cotidiano do trabalho educacional [...] contribuem para o desenvolvimento profissional, para a consecução dos melhores resultados no processo de ensino e aprendizagem” (FONSECA; RASSI, 2006: 123). Esses momentos possibilitam o aprendizado de novas formas de pensar educação, de pensar o ensino de História, a partir da narrativa de outros. O que não deixa de ser uma experiência também. Alguns componentes do grupo de pibidianos já foram professores substitutos ou trabalham com crianças. Essas experiências contribuíram para a definição do que utilizar durante a elaboração dessa aula. A diversidade de personalidade e de posicionamentos em relação à educação gerou em vários momentos discussões no grupo, que soubemos ministrar de forma a não prejudicar a preparação das atividades. O grupo soube aproveitar as diferenças ampliando os atributos de cada um e minimizando as dificuldades. Isso foi de suma importância para um bom funcionamento do projeto desenvolvido na escola.

Essas aulas foram conduzidas pelos pibidianos, com o acompanhamento da professora supervisora Kátia e dos demais colegas graduandos, sendo que cada graduando teve a oportunidade de conduzir uma aula. A experiência de preparar uma aula e executá-la é enriquecedora, pois o planejamento da aula é diferente de sua execução. Dentro de sala de aula, o plano pode ser alterado para se adequar as circunstâncias específicas surgidas, como turma muito agitada ou desenvolvimento de discussões com temática diferente da aula. Nessa adaptação conseguimos perceber o que de fato pode ser trabalhado em sala, e como conduzir

as aulas futuras. Ainda com o mesmo material (vídeos e apresentação de apoio) as aulas foram conduzidas de forma completamente diferentes. A subjetividade do graduando e suas experiências sobrepuseram àquilo que “uniformizaria” as aulas. De fato, foi muito produtivo perceber as várias formas de se ensinar História, de conduzir a discussão e de se portar como professor (a) em sala. Percebe-se que é uma experiência única e de grande aprendizado para o grupo, pois ao observarmos as aulas dos outros pudemos aprimorar as nossas futuras práticas docentes.

Novamente, é importante frisar que a prática não possui receitas e justamente por isso que a teoria não é suficiente para a formação de professores. Observa-se que a mesma aula, preparada da mesma forma e conduzida pela mesma pessoa podem desenvolver-se de forma diferentes, já que os sujeitos da ação, os alunos, mudam. Nesse sentido a afirmação de Fonseca e Rassi é pertinente:

[...] a experiência exige mais. Exige luta, requer embate, urgência, imprevisibilidade, originalidade, tempo, reclama conflitos, vitórias, flexibilidade e ousadia, criatividade, comunicação, afetividade, ancorados na coragem de construir o novo, a cada dia letivo, a cada momento em que se entra em uma nova sala de aula ou naquela mesma sala (FONSECA; RASSI, 2006: 120).

Na mesma reflexão, percebe-se que a formação é (e deve ser) contínua. Pois, se os sujeitos da ação docente sempre mudam, é preciso mudar a forma como o docente administra as suas aulas. Existem diferentes turmas e diferentes perfis de alunos que requerem posturas diferenciadas. É preciso flexibilidade para adaptar-se as diversas situações que podem acontecer em sala de aula. O professor deve se posicionar de forma a possibilitar a experimentação, pois “o sujeito de experiência é sobretudo um espaço onde têm lugar os acontecimentos” (LARROSA, 2002: 24).

É perceptível que não basta saber os conteúdos históricos para se tornar um(a) professor(a) da disciplina escolar História. É preciso tornar-se ativo na ação de ensinar, tendo

sempre em mente que não estás apenas ensinando, mas aprendendo também. Nesse sentido, as atividades de monitoria aos alunos, prestadas pelos pibidianos na escola, possibilitaram uma aproximação de posição de sujeitos de experiência. A monitoria ocorreu de forma individual ou em grupos de seis alunos, dentro da sala de aula, e funcionava como apoio na preparação das atividades propostas durante a disciplina. Durante um determinado tempo, nos concentramos basicamente nessa relação de ajudar e estimular os alunos, de uma forma mais descontraída com esses grupos pequenos. Percebeu-se que dessa forma os alunos participavam mais, comentando algo ou expressando dúvidas, pois houve uma maior aproximação entre os dois sujeitos da ação: os alunos e os pibidianos. A monitoria estabelecida modificou a rotina geralmente aplicada em sala de aula, e potencializou a aprendizagem daqueles que foram contemplados.

Ao longo das atividades desenvolvidas, conseguimos perceber um desinteresse amplo em relação ao estudo por parte dos alunos, pois, muitos deles não cumpriam as atividades, não questionavam ou tiravam dúvidas, e essas posturas se refletiam em suas notas. Essa percepção não era exclusiva da disciplina História, pois professores de outras disciplinas também relatavam essa falta de interesse. No intuito de conscientizá-los sobre os baixos rendimentos, a professora Kátia sugeriu que fizéssemos um trabalho simples de estatística sobre o desempenho de todos os alunos do 1º ano. Analisamos as notas e elaboramos tabelas que foram apresentadas por nós durante as aulas.

Posteriormente, pedimos a autorização da professora Kátia para criarmos uma atividade própria para a recuperação trimestral. Os pibidianos se reuniram para direcionar a forma que se cobraria o conteúdo e o mecanismo de avaliação. Após muitos debates, concluímos que não abordaríamos questões específicas, pois queríamos identificar o que foi aprendido por esses alunos, para isso, utilizamos questões que exigissem que eles escrevessem características gerais. Sob o aspecto da avaliação, fizemos uma chave de correção, com a intenção de sermos justos com os alunos, uma vez que as avaliações seriam corrigidas por todos os pibidianos.

O resultado desse projeto não foi muito satisfatório em termos de nota, embora para nós este tenha representado uma experiência importantíssima, no que se refere a responsabilidade de elaboração, avaliação e autoavaliação, pois voltamos a questionar o porquê do desinteresse desses alunos. Sempre que surgia oportunidade, discutíamos as causas do desinteresse dos alunos pelo conhecimento (ou pelo tipo de conhecimento que estava sendo a eles apresentado). É um desafio aos docentes conduzirem seus alunos a uma posição de dedicação ao conhecimento, seja qual for a disciplina; de conduzi-los à posição de experimentação.

Ao mesmo tempo em que desempenhamos a atividade de recuperação, decidimos focar sobre a perspectiva do aluno de vida, escola e com a finalidade de entender para estimulá-lo, também enfatizamos sua perspectiva acerca do ensino de História. Para isso, através de debates entendemos que deveriam ser realizadas entrevistas com os diferentes tipos de alunos (a escolha ficou a critério da professora, que compreendia que buscávamos um grupo heterogêneo). A partir do mês de novembro nos mobilizamos com a ajuda dos professores Arnaldo e Kátia, além de contar com o corpo pedagógico da instituição. Fizemos um questionário com algumas turmas e entrevistas gravadas em áudio com os alunos selecionados, todo o material seria analisado após o término do ano letivo de 2012.

No início do ano letivo de 2013 o grupo de pibidianos elaborou um projeto, direcionado as duas turmas dos terceiros anos, denominado “Curta História”. O projeto visava a elaboração de pequenos vídeos (5-10 min.) com a participação efetiva dos alunos, ou seja, não seriam aceitos trabalhos no formato texto/imagem. Desta maneira, almejávamos a interação dos alunos por meio de encenações, dinamizando os conteúdos determinados pelo livro didático. Em contrapartida, para as sete turmas de primeiros anos elaborou-se o projeto “História em Jogo”, que tinha por objetivo trabalhar os conteúdos históricos de formas lúdicas, estimulando o raciocínio lógico. Para a construção desse trabalho, grupos de seis alunos deveriam adaptar ou criar um jogo que contemplasse temáticas históricas desenvolvidos em sala de aula no primeiro trimestre.

Esses dois projetos foram criados a partir das entrevistas realizadas com os alunos em 2012. Na análise das declarações, foi identificado o anseio dos alunos por metodologias de ensino diferentes das tradicionais; em muitas entrevistas os próprios alunos sugeriram a utilização de recurso como jogos, filmes e mídias.

Especificamente no final do ano letivo de 2012 e início do ano letivo em 2013, participamos como ouvintes do Conselho de classe e da reunião de Planejamento, respectivamente. Esses momentos para a maioria dos pibidianos era desconhecido, e tal contato permitiu explorar os sentidos e os critérios que os professores utilizam em relação à aprovação e a reprovação dos alunos, bem como possibilitou reflexões sobre os objetivos da educação. Além disso, essa experiência enfatizou a responsabilidade que o professor deve ter com os registros e acompanhamentos dos alunos, todo zelo e cuidado com as pautas, no sentido de organização que é essencial para a função dessa profissão.

Conversas sobre educação entre pibidianos e docentes nos ajudaram a pensar no trajeto que a educação brasileira vem traçando. Percebe-se que o atual quadro da educação brasileira é cada vez mais árduo para os professores, sendo que estes lidam com as mais diversas situações, como desinteresse e violência por parte dos alunos, somado à desvalorização da carreira e cobranças de rendimentos de políticas públicas educacionais. Por vezes ouvimos conselhos para não concluirmos o curso, refletindo o desânimo e a frustração gerada por tal situação. Alguns professores deixaram de se “ex-pôr” no ato do ensino e com isso deixaram de experimentar. Desta forma, o ensino para eles tornou-se mecânico e pouco produtivo no que tange à experiência de adquirir o conhecimento, como se o ato de ensino-aprendizagem fosse apenas absorver informações, sem passar pelo processo de experimentação do mesmo.

Em contrapartida, vivenciamos momentos motivadores nas conversas com alguns professores, que estimulam a paixão pela profissão, pois de fato acreditavam na Educação e nos seus alunos. Percebemos nessas ocasiões a importância do docente se “ex-por” no processo educativo, de se experimentar a cada aula a ação de ensinar os alunos e aprender

com eles, ou seja, a experiência de construir um conhecimento com os sujeitos envolvidos na ação educativa.

A convivência no meio docente faz-se como uma experiência importante na nossa formação, pois a partir dos relatos dos docentes e da própria relação estabelecida, podemos experimentar um pouco das experiências deles. Benjamin (1985) afirma que ao narrar as experiências o narrador torna o ouvinte passível de experimentação das ações relatadas. Nesse sentido, podemos experimentar durante alguns relatos que a prática docente requer esforços e compromisso, entretanto, podemos perceber que para além dos desafios há também uma recompensa quanto ao ensino. Mesmo que em número reduzido é perceptível o desenvolvimento de alguns alunos e o envolvimento deles com o conhecimento, o que é notoriamente gratificante para os docentes. Em alguns relatos dos docentes, as experiências boas sobressaíram às ruins, em outros momentos percebeu-se o contrário. Mas o que marcou foram os relatos daqueles que ainda acreditam na educação, pois elas comungam com as nossas expectativas sobre a docência.

Todas essas expectativas, produções e experiências contribuem para a nossa formação como docente, em detalhes que absorvemos e tomamos com exemplo, a relação com os outros componentes da instituição escolar, além do contato e aprendizado através do convívio com o público heterogêneo composto pelos alunos. Todas essas situações aumentam a nossa bagagem prática e auxiliam a moldar a forma como gostaríamos de atuar na vida docente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: **Obras escolhidas**. Vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CUNHA, Jorge L.; CARDÔZO, Lisliane S. Ensino de História e formação de professores: narrativas de educadores. **Educar em Revista**, n. 42, 2011.

FONSECA, Selva; Marcos, RASSI. Saberes docentes e práticas do ensino de História na escola fundamental e média. **Revista de História**, nº 15, 2006.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, nº 19, 2002.